

ENTRE MORSAS, PARASITAS E HUMANOS NÃO BINÁRIOS: PISTAS DO CHTHULUCENO EM “*LARGE ANIMALS*” E “*TOGETHER*”, DE JESS ARNDT

Marcelo Branquinho Massucatto RESENDE*

- **RESUMO:** A literatura de autoria trans, no contexto da literatura estadunidense, é tradicionalmente ligada ao gênero autobiográfico. No entanto, verifica-se atualmente uma insurreição de vozes trans autorais que estão se manifestando também no gênero narrativo, mais especificamente, no conto. Os contos “*Large Animals*”, e “*Together*”, de Jess Arndt, apresentam elementos similares no que diz respeito aos desconfortos e incômodos do que significa ser lido socialmente como um sujeito e um corpo trans a partir da alteridade animal, que se manifesta na incômoda presença de um parasita intestinal no casal protagonista de “*Together*” e nas visitas noturnas de uma morosa à cama da protagonista de “*Large Animals*”. Buscaremos aproximar os elementos de identidade trans e alteridade animal que surgem nas narrativas de Arndt com as propostas de Donna Haraway (2016a; 2016b) para a aliança interespécies e a união entre passado, presente e futuro, ao qual ela chama do Chthuluceno, como forma de superação do Antropo/Capitaloceno e dos espectros da modernidade.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Literaturas trans. Chthuluceno. Identidades trans. Jess Arndt. Decolonialidade.

“Eles dizem capital humano. Nós dizemos aliança multiespécies. Eles dizem carne de cavalo nos nossos pratos. Nós dizemos montemos nos cavalos para fugir juntos do abatedouro global.”

Paul B. Preciado (2014)

Em meio às desconstruções e à emergência de vozes minorizadas, testemunhamos, no século XXI, a insurreição de dois grupos em particular: o grupo das identidades trans, que reivindica os direitos negados aos seus corpos marginalizados, por muito impedidos de circular em determinados espaços, e também a

* Bolsista FAPESP processo 2019/07304-1 – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp, Faculdade de Ciências e Letras – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – marcelobranquinho9@gmail.com.

causa antiespecista, que luta para dar voz aos animais, vítimas de todos os tipos de exploração, fetichização e condições análogas à escravidão humana. Em comum, ambos possuem a luta pela descolonização de corpos e a luta para desconstruir um pensamento ocidental baseado na soberania humana sobre toda e qualquer outra espécie.

O filósofo francês Patrick Llored (2015), a respeito da desconstrução derridiana, questiona: “O que resta da soberania, uma vez que ela foi esvaziada de suas ilusões de poder? O que resta do sujeito, uma vez expurgado de seu eu? O que resta do homem uma vez que ele foi aberto às experiências da alteridade radical com respeito ao animal?” (LLORED, 2015, p. 169). A partir das semelhanças entre duas causas decoloniais contemporâneas, pretendemos descobrir de que modo o discurso literário tem antecipado e externado o desconforto antiespecista, contra os mais variados tipos de exploração animal, bem como a opressão transfóbica contra pessoas transgênero, transexuais e travestis, cujos corpos encontram ficções disruptivas para driblar a colonização corporal que lhes é imposta.

Desde as fábulas de Esopo até a narrativa moderna do século XX de Kafka, a alteridade animal tem sido um tema presente na literatura. De acordo com Maria Esther Maciel (2016), é possível falar sobre a existência de uma zooliteratura e uma zoopoética, sendo estas equivalentes aos respectivos termos sem o prefixo “zoo”, para definir conceitos que abrangem a literatura que se sensibiliza quanto às questões referentes aos animais e que, portanto, faz uso de uma poética específica para tratar da temática.

De acordo com Maria Esther Maciel (2016), na Antiguidade, os animais eram usados em fábulas como forma de transmitir mensagens moralistas, com o fito de moldar um culto à superioridade do ser humano em relação a outras espécies, algo hoje identificado como “especismo”. Tal conceito reflete uma série de comportamentos humanos em relação aos animais por meio de um culto ao racionalismo iluminista associado a um discurso de progressismo. Maciel analisa uma série de romances publicados ao longo do século XX em que a zoopoética se faz presente, como é o caso de *A metamorfose*, de Franz Kafka, *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, *A paixão segundo GH*, de Clarice Lispector, entre outros. Ao contrário das fábulas da Antiguidade, a alteridade animal se faz presente nas obras literárias citadas acima por meio de uma transcendência da condição humana e da suposta superioridade racional em busca de outras expressões de linguagem que não aquela mediada pelo racionalismo do ser humano, desafiando o nosso poder de entendimento e as bases racionais do pensamento iluminista.

Ao verificar a mudança de foco das narrativas que abarcam a zoopoética, Maciel afirma que:

É nesse sentido que esses escritores abrem um campo fértil para os escritores do início do século 21, que agora têm a tarefa de repensar a questão dos animais sob

o peso de uma realidade marcada por grandes catástrofes ambientais, extinção de inúmeras espécies, experiências biotecnológicas, crescimento acelerado das granjas e fazendas industriais, e à luz das reflexões contemporâneas sobre a questão dos animais em diversos campos do conhecimento. (MACIEL, 2016, p. 94-95)

Desse modo, estabelece-se uma importante ligação entre a zooliteratura e o contexto ambiental do início do século XXI, expondo uma necessidade de reinvenção da zoopoética em função das demandas socioambientais, que agora passaram a assumir caráter emergencial, em consonância com a emergência das discussões sobre pós-extratativismo na América Latina e decrescimento na Europa. Em um mundo que parecia estar dominado pelo negacionismo climático e pela letargia ao tomar atitudes eficazes para frear as mudanças climáticas, a pandemia do novo coronavírus emerge como um ponto de inflexão para pensarmos as relações hierárquicas que estabelecemos com os animais não humanos ao longo de vários anos sucessivos.

Na primeira década do século XXI, é possível destacar alguns romances que trataram da questão animal enquanto uma questão política, já com contornos da relação que se articula com a crise climática e explosão de pandemias, como é o caso de *Elizabeth Costello*, de J. M. Coetzee, publicado em 2003. A obra em questão trata da vida da escritora que dá nome ao romance enquanto viaja para dar palestras sobre vegetarianismo, sexualidade e linguagem em diferentes universidades.

Também merece destaque *A vegetariana* (2007), de Han Kang (2018), em que a protagonista é uma mulher sem voz (literalmente, uma vez que o livro é narrado a partir da perspectiva de três diferentes integrantes de sua família) que decide parar de comer carne, e por conta disso se torna alvo de ataques de seu pai, que, inconformado com a decisão da filha, a força a comer carne, culminando em um episódio asqueroso em que lhe obriga a mastigar um pedaço de bife durante um jantar em família. O romance de Han Kang denuncia a ligação intrínseca do consumo de carne em uma sociedade patriarcal, como a Coreia do Sul, com a manutenção dos valores patriarcais que regem a sociedade carnofalocêntrica², termo cunhado por Jacques Derrida (2002) que denota a associação entre o poder

² Termo que surge em dois textos de Jacques Derrida: *Force de loi: le fondement mystique de l'autorité* (1994) e *O animal que logo sou* (2002). O termo em questão é derivado de um ponto chave da crítica derridiana, o “logocentrismo”, que aponta para a suposta superioridade da palavra escrita em relação à fala oral enquanto um paradigma construído ao longo das histórias das sociedades ocidentais. Essa constatação se torna eixo central em diversas obras do filósofo, escritas ao longo dos anos 1960 e 1970, que têm como objetivo a crítica da linguagem enquanto ontologia, agindo principalmente sobre a predominância do pensamento binário que rege a sistematização de ideias e a produção de verdades científicas, algo recorrente na linguagem predominante que estrutura o pensamento acadêmico.

do falo com o consumo de carne, ato simbólico para a demonstração de uma suposta superioridade da espécie humana em relação a outras espécies.

É a partir do eixo da problematização da masculinidade baseada em um carnofalocentrismo que *Sobre os ossos dos mortos* (2009), da polaca Olga Tokarczuk (2019), traz a protagonista vegetariana Janina Dusheiko, moradora de uma zona rural da Polônia, que testemunha uma série de assassinatos em sequência a caçadores de animais. Em meio à onda de mortes, Dusheiko traça reflexões sobre o consumo excessivo de carne, os direitos dos animais, a poesia, Jung e a astrologia. A personagem principal possui conhecimentos e atributos periféricos à economia patriarcal que sustenta o Ocidente e, portanto, vive como uma misantropa.

Os exemplos de Tokarczuk e Han Kang são o de duas mulheres que não se encontram dentro do eixo principal do capitalismo ocidental, que, no entanto, vivem sob uma economia patriarcal em que seus direitos, assim como os direitos dos animais não humanos, são frequentemente feridos para satisfazer o desejo de homens que querem propagar uma tradição familiar de consumo de carne ou de homens que desejam demonstrar sua masculinidade a partir do assassinato de animais silvestres que não possuem voz ou direitos de defesa.

A ligação entre a identidade feminina e perspectivas ecológicas está presente tanto na literatura ocidental como no território da teoria, em que são desenvolvidas perspectivas ecofeministas a partir de obras como *A política sexual da carne* (2018), da estadunidense Carol J. Adams, que aponta para o fetiche do consumo de carne e a materialização de uma masculinidade predatória.

As duas primeiras décadas do século XXI testemunharam a emergência de vozes de identidades dissidentes no contexto da Modernidade e que agora ganham espaço para construir uma voz autoral. As vozes de autores trans, mais especificamente no contexto estadunidense, não são uma exclusividade da literatura do século XXI, como demonstram os estudos de Patrick Califia (2004), Genny Beemyn (2013) e Susan Stryker (2017), que preconizam uma historiografia de biografias e autobiografias de pessoas trans que perpassa o século XX. No entanto, vozes como a de Jess Arndt, escritore californiane não binária³, apresentam um ineditismo na historiografia trans ao trazer uma coletânea de contos intitulada *Large animals* (2017).

No conto “Together”, acompanhamos a narrativa de um casal que tenta descobrir a origem de uma DST que os dois pegaram. Inicialmente, a narrativa é do casal, que descreve os alimentos que cortaram da dieta, recobrando na memória os locais pelos quais viajaram e de onde a bactéria poderia ser proveniente.

³ Por se tratar de alguém que não se identifica com nenhum gênero binário, optamos por adotar a linguagem neutra para se referir a Arndt.

We had it together; this relative of giardia partying in our now shared intestinal tract, but we reminded ourselves – we could have picked this thing up anywhere. The lack of fault was comforting. Plus the parasite wasn't all. In our Greenpoint yard hard pink asparagus-like weeds were erupting everywhere, pubbing skyward with a level of tenacity I no longer recognized. (ARNDT, 2017, p. 67)⁴

A narrativa então oscila para a voz de apenas um dos integrantes do casal, que rememora uma época em que pesquisava agrotóxicos para aplicar no seu jardim de casa, alternando para o presente, em que, no apartamento minúsculo que divide com o parceiro⁵, compara a situação de ambos com a história do mito bíblico hebraico de João, que foi engolido por uma baleia e residiu por um tempo dentro de seu estômago.

Similar à situação de Jonas, dentro do estômago do casal encontra-se uma bactéria da qual ele tenta descobrir a origem. O incômodo da bactéria aumenta a partir do momento em que a narração é centrada nos diálogos da protagonista com a bactéria, ao longo das madrugadas que passa insone:

“Leon”, the voice said. I stood there dimly and searched for its origin. In plain view was a giant mason jar of kombucha plus dividing mother. A pair of gunk-smear garden gloves. An ancient Vogue with Tilda Swinton of the swanny-white cover. “It’s me!” the voice said. The room smelled like snapped pile needles. In my chest, a river was bludgeoning heavy stones. “Ms. Swinton?” I stammered. Her alien parts and cinnamon hair, I’d always loved her; the queasy look she gave me! But the voice came from somewhere closer, near my belly. “You have a problem,” the voice said. I digested this halfway. “I do?” I thought hard. I pointed, finally, to the garden. But our parasite disagreed. “Do you know anything AT ALL,” it said, “about the history of Mexican art?”. (ARNDT, 2017, p. 70-71)⁶

⁴ “Nós pegamos isso juntos, esse parente de giardia fazendo uma festa no nosso trato intestinal, mas nós nos lembramos – nós podemos ter pegado isso em qualquer lugar. A falta de culpa era reconfortante. Sem contar que o parasita não era tudo. Os aspargos do nosso jardim estavam com algumas sementes rosas irrompendo por toda parte, saindo em direção ao céu com um nível de tenacidade que não reconheci mais.” (ARNDT, 2017, p. 67, tradução nossa).

⁵ Levando em consideração a especificidade da escrita da autora em relação à identidade de gênero de suas personagens, consideramos pertinente adotar, em alguns momentos, o gênero neutro para se referir a elas.

⁶ “‘Leon’, disse a voz. Eu fiquei ali procurando de onde vinha. À vista de todos, tinha um pote gigante de kombucha com a célula-mãe já em divisão. Um par de luvas de jardim sujas de gosma. Uma Vogue antiga com a capa branca da Tilda Swinton. ‘Sou eu!’ disse a voz. A sala cheirava a agulhas quebradas. Em meu peito, era como se um rio batesse contra pedras pesadas. ‘Sra. Swinton?’, gaguejei. Suas partes estranhas e cabelo cor de canela, eu sempre a amei, o olhar enjoado que ela me deu! Mas a voz veio de algum lugar mais perto, perto da minha barriga. ‘Você tem um problema’,

Mais tarde, o protagonista associa a pergunta derradeira da bactéria sobre seu conhecimento em arte mexicana a uma viagem frustrante ao México com a parceira, cujos parentes habitam o país latino. Na viagem em questão, o protagonista se sentia intimidado pela ancestralidade, pela língua e pela cultura, remetendo-nos, portanto, a uma inversão da suposta superioridade dos países norte-americanos em relação à América Latina.

Assim, o personagem passa a interagir constantemente com a bactéria que está no seu estômago, personificada pela imagem da atriz Tilda Swinton, famosa por sua beleza andrógina, inclusive sendo intérprete de Orlando, de Virginia Woolf, na adaptação do livro homônimo para o cinema. O parasita que ocupa o intestino dos dois protagonistas do conto pode ser lido como um incômodo para o casal, uma forma de expor suas fraquezas, como no momento em que pergunta à protagonista sobre seus conhecimentos em arte mexicana. Ao contrário do mito bíblico ao qual faz referência na narrativa, aqui a bactéria é responsável por trazer a sobrevivência e fagocitar o processo de compreensão das protagonistas. Como afirma Donna Haraway, “desde o início, as bactérias e seus parentes foram, e ainda são, os maiores de todos os terraformadores (e reformadores) planetários, também em uma miríade de tipos de inter/intra-ação (incluindo as pessoas e suas práticas, tecnológicas e outras).” (2016a, p. 139).

Em “*Large Animals*”, conto que dá título ao livro, observamos uma protagonista sem gênero determinado – uma característica recorrente nos contos da antologia de Arndt –, por vezes descrita como um homem, por vezes como uma mulher lésbica, que, ao acordar nas madrugadas, se depara com a presença de uma morsa em seu quarto.

In my sleep I was plagued by large animals - teams of grizzlies, timber wolves, gorillas even came in and out of the mist. Once the now extinct northern white rhino also stopped by. But none of them came as often or with such a ferocious sexual charge as what I, mangling Latin and English as usual, called the Walri. Lying there, I faced them as you would the inevitable. They were massive, tube-shaped, sometimes the feeling was only flesh and I couldn't see the top of the cylinder that masqueraded as a head or tusks or eyes. Nonetheless I knew I was in their presence intuitively. There was no mistaking their skin; their smell was unmistakable too, as was their awful weight. (ARNDT, 2017, p. 115)⁷

disse a voz. Eu digeri isso pela metade. ‘Eu tenho?’ Eu pensei muito. Apontei, finalmente, para o jardim. Mas nosso parasita discordou. ‘Você sabe ALGUMA coisa’, dizia, ‘sobre história da arte mexicana?’” (ARNDT, 2017, p. 70-71, tradução nossa).

⁷ “No meu sono, fui atormentado por animais de grande porte - grupos de ursos pardos, lobos-marinhos, até gorilas apareceram e sumiram no meio dessa bagunça. Uma vez o agora extinto rinoceronte-branco do norte também passou por aqui. Mas nenhum deles vinha com tanta frequência ou com uma carga sexual tão feroz quanto o que eu, mutilando o latim e o inglês como sempre,

Seu namorado não acorda nos momentos em que a protagonista tem as visões. A presença da morsa inspira bastante medo para a protagonista, que passa a alimentar um receio iminente de que a morsa pode matá-la sufocada durante a noite, uma vez que às vezes desperta com o animal dormindo em seu pescoço.

Após a cena de abertura, que apresenta a relação da protagonista com a morsa, ela narra o momento em que se muda para uma casa situada no deserto da Califórnia, um local remoto sem internet, em que o lugar mais próximo era uma fraternidade maçônica que funciona como uma espécie de biblioteca local, com internet e alguns livros. É nesse ambiente cheio de águias e moscas que a protagonista começa a receber visitas noturnas da morsa apresentada anteriormente. Consequentemente, a primeira visita da morsa faz com que ela busque informações na internet sobre o animal não humano:

“the walrus sucks the meat out by sealing its powerful lips to the organism and withdrawing its piston-like tongue”, only one thing of note: Walri, unlike most marine mammals - seals or sea lions or even manatees - were not entirely fluent in water. They had to sleep on land. There was that YouTube video of a walrus giving himself a blow job. He didn’t need land for that. Each time he grabbed the tip of his head he sunk down with pleasure, never up.” (ARNDT, 2017, p. 119)⁸

A morsa é, portanto, um animal não humano que, ao contrário de outros com comportamentos e estilos de vida parecidos, rompe com o binarismo de viver apenas na terra ou na água, não sendo, portanto, somente um animal terrestre ou aquático. É um animal apto para desempenhar parte de suas atividades no ambiente terrestre e outras na água, como, por exemplo, a prática aquática de autofelação.

Situada em um não binarismo semelhante ao da morsa, a protagonista do conto é colocada em uma situação constrangedora durante uma conversa com Tamara, a garçonete com quem desenvolve uma amizade após frequentar algumas vezes a lanchonete onde trabalha:

chamava de morsas. Deitado lá, eu os encarei como você faria com o inevitável. Eles eram enormes, em forma de tubo, às vezes a sensação era apenas carne e eu não conseguia ver o topo do cilindro que se mascarava como uma cabeça ou presas ou olhos. No entanto, eu sabia intuitivamente que estava na presença deles. Não havia como confundir sua pele; seu cheiro também era inconfundível, assim como seu peso terrível.” (ARNDT, 2017, p. 115, tradução nossa).

⁸ “a morsa suga a carne selando seus lábios poderosos ao organismo e retirando sua língua em forma de pistão”, apenas uma coisa digna de nota: morsas, ao contrário da maioria dos mamíferos marinhos – focas ou leões marinhos ou mesmo peixes-boi – não eram totalmente fluentes em água. Eles tiveram que dormir na terra. Teve aquele vídeo no *YouTube* de uma morsa fazendo um boquete em si mesma. Ele não precisava de terra para isso. Cada vez que ele agarrava a ponta da cabeça, ele afundava com prazer, nunca para cima.” (ARNDT, 2017, p. 119, tradução nossa).

“So what’s it like being a lesbian?” Tamara said, her legs extending practically inside the stove. “Umm,” I said, hacking out the beer through my throat tubes. “I mean yeah,” I said, “I’ve watched all the big films - *Go Fish*, *All Over Me*, what was it? That heroin one.” She looked at me blankly. My neck burned. “But otherwise, I’m not sure I’d really know?” “Oh,” said Tamara, “huh.” She lit up from a Newport pack. “I just thought, I mean, for a guy, isn’t you Adam’s apple a little small.” (ARNDT, 2017, p. 124)⁹

Tal como a morsa que lhe faz visitas à noite, a única pista que temos sobre a identidade de gênero da protagonista foge a qualquer tipo de binarismo heteronormativo. Ao contrário de *“Together”*, *“Large Animals”* apresenta uma estrutura um pouco mais linear, porém não menos confusa que a do conto do casal com uma bactéria em suas barrigas. As lembranças das conversas com Tamara, as idas à fraternidade maçônica em busca de internet e informações sobre morsas e os detalhes sobre a casa no deserto se misturam com o que parece ser o foco da narrativa – as visitas noturnas das morsas. No entanto, não há nenhum tipo de teleologia na forma como o conto é concluído.

Os dois contos apresentam uma estrutura similar, que se repete nos contos restantes da antologia, consistindo no diálogo de seus protagonistas com não humanos, cuja presença e/ou aparição causam um incômodo e uma desautomatização de suas rotinas. Os dois contos também desenvolvem uma série de histórias paralelas que são relembradas pelos protagonistas a partir de uma tentativa de compreensão do incômodo trazido à tona pela morsa e pelo parasita, mas nenhuma dessas histórias é de fato desenvolvida, o que demonstra uma característica da estética de Arndt, que constantemente subverte o tom teleológico e racional presente em narrativas por meio da sobreposição de diferentes acontecimentos em diferentes espaços e períodos. As narrativas de Arndt podem deixar o leitor confuso em relação à qual é o foco real de suas histórias, o que, por outro lado, traz poder para o leitor ao interpretar segundo o que julgar mais pertinente.

Apesar de trazer muitas histórias paralelas, que não necessariamente chegam a um desfecho ou trazem alguma razão de serem relatadas, *“Together”* e *“Large Animals”* são permeados pelos respectivos espectros do parasita e da morsa, que acabam por assumir uma posição de protagonismo nos contos, uma vez que as tentativas de racionalização por meio de acontecimentos do passado dos

⁹ “‘Então, como é ser lésbica?’ Tamara disse, suas pernas esticadas praticamente dentro do fogão. ‘Umm’, eu disse, cortando a cerveja pelos tubos da minha garganta. ‘Quero dizer, sim’, eu disse, ‘eu assisti todos os grandes filmes – *O Par Perfeito*, *All Over Me*, e como chama aquele outro? Aquele filme com heroína’. Ela me olhou sem expressão. Meu pescoço queimando de vergonha. ‘Mas, caso contrário, não tenho certeza se realmente saberia?’ ‘Oh’, disse Tamara, “hum.” Ela acendeu um pacote de cigarros Newport. “Eu só achei que, tipo, para um cara, o seu pomo de adão não é um pouco pequeno?” (ARNDT, 2017, p. 124, tradução nossa).

protagonistas não necessariamente terminam por chegar a uma conclusão ou lugar preciso.

Em outros romances do século XXI, a questão da alteridade animal é tão manifesta quanto nos contos de Arndt. A identidade do vegetariano pode ser encontrada, por exemplo, a partir da falta de voz de Yeong-hye, a protagonista do romance *A vegetariana* (2007), de Han Kang (2018), cuja história é narrada por parentes que se equivocam ao julgá-la a partir de um ponto de vista carnista e heteronormativo; também é possível observar a partir do narrador onipresente de *A nossa alegria chegou* (2019), da portuguesa Alexandra Lucas Coelho, ao descrever as condições horríveis do gado do Rei e de seus servos, que têm como missão matar os bois e vacas para sobreviver e alimentar a população de Alendabar; e até mesmo pela perspectiva cansada de Edgar Wilson, o protagonista de muitos dos romances da brasileira Ana Paula Maia, especialmente no que diz respeito ao tratamento dado ao personagem quando na profissão de açougueiro no matadouro em *De gados e homens* (2013). Esses personagens e narradores de diferentes culturas e países convergem para modos de criar uma estética particular que tenta de alguma forma contemplar aquilo que animais sem voz não conseguem expressar a respeito da precariedade de suas condições de vida, falta de liberdade e sujeição à violência.

Embora não apresente uma estética preocupada com a questão do vegetarianismo e do consumo irresponsável de animais, os contos de Arndt trazem à tona um imenso incômodo causado a partir da presença de animais não humanos em situações cotidianas, que levantam questões e refletem questionamentos dos próprios protagonistas – em sua maioria sujeitos não binários, com identidades de gênero fluidas – sobre o que é ter um corpo, o que é ser um sujeito historicamente construído para ser lido enquanto superior a todos os outros tipos de vida na Terra.

Em outras palavras, podemos resumir que, nos contos de Jess Arndt, apesar de não haver a presença da identidade vegetariana perante a violência animal, a alteridade animal surge como forma de evidenciar o desconforto de ter um corpo, mais especificamente um que é colonizado pelo sistema de pensamento racional e construído por diversos discursos cristalizados por uma economia patriarcal e cis-heteronormativa. A estética de Arndt é similar ao movimento que o pesquisador argentino Gabriel Giorgi faz ao pensar em uma alteridade animal que converge para um corpo *queer*, afirmando que:

[...] o animal [...] parece exceder e eludir toda figuração estável – transformando-se numa instância que, a partir da corporalidade mesma, protesta contra toda figuração, forma, representação, e reclama modulações e registros estéticos que permitam captar e codificar isso singular que passa entre os corpos e que resiste a toda classificação e a todo lugar predefinido. Trata-se, então, de pensar os modos como o animal transforma as lógicas de sua inscrição na cultura e nas linguagens estéticas, interrogando, ao mesmo tempo, uma reordenação mais

ampla de corpos e de linguagens da qual essa nova proximidade do animal dá testemunho. Em outras palavras, trata-se de ver como a redefinição do animal ilumina “retóricas” do corporal e do vivente mais amplas, que, por sua vez, refratam uma imaginação biopolítica dos corpos. (GIORGI, 2016, p. 31)

Ao traçar um ensaio sobre a animalidade na literatura contemporânea, expressa em textos que vão de Clarice Lispector a Jorge Luis Borges e João Gilberto Noll, Giorgi traz algumas pistas dos possíveis reflexos de uma corporalidade *queer* deslocada dos espectros da modernidade, que surge fagocitada nas personagens quando confrontadas pela presença de animais não humanos.

É importante salientar o fato de que a maioria dos protagonistas dos contos de Arndt possuem uma identidade de gênero não binária, ou seja, o narrador não define se suas personagens pertencem a um espectro de masculinidade ou feminilidade, ou mesmo a uma identidade trans. Em outro conto da antologia, intitulado “Jeff”, a personagem-título possui uma identidade de gênero indefinida, causando confusão em uma garçonete, que confunde as duas últimas consoantes do nome da protagonista (Jess), atribuindo-lhe, de forma não intencional, uma identidade masculina (Jeff). A partir dessa situação, várias situações passadas – ou futuras, a depender da leitura feita – se sobrepõem na cabeça da protagonista (como um encontro fracassado com um amor platônico da adolescência), que experimenta a violência e o poder que um simples nome próprio, a partir da associação com feminilidades ou masculinidades, pode causar a um ser humano, atribuindo-lhe a obrigação de performar socialmente um determinado gênero sexual.

Somado a isso, é importante levar em conta o fato de que futuro, passado e presente se confundem de modo a jamais alcançar uma unidade temporal ou espacial na narrativa, o que reflete a confusão mental e a fluidez de gêneros presentes nos protagonistas. Salientamos que a unidade, qualquer que seja o tipo, não parece em momento algum ser almejada pelos narradores. Pelo contrário, a multiplicidade, a confusão, a caleidoscopia de acontecimentos e identidades sexuais parecem ser os objetivos.

Partindo de uma perspectiva foucaultiana de realidade, é possível afirmar que identidades, bem como realidades, são moldadas pelo discurso, e uma forma de não sucumbir a realidades esquizofrênicas, tóxicas ou contraditórias reforçadas por uma certa perspectiva discursiva reside não só em compreender estratégias e modos pelos quais esses discursos são criados, mas também resistir a eles por meio da criação de visões alternativas como modos de resistência.

A proposta teórica que Donna J. Haraway (2016b) apresenta em livros como *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene* vai ao encontro da proposta rizomática apresentada por Deleuze e Guattari (2012) ao unir o pensamento por alianças, lógica por trás do pensamento rizomático apresentado como alternativa à tradição ocidental baseada em oposições. Essa noção surge unida a uma perspectiva

ecológica para enfrentar as consequências planetárias da modernidade, ou do Antropoceno e Capitaloceno, como Haraway opta por nomear¹⁰. O Chthuluceno¹¹ seria, portanto, uma era geológica construída pelo protagonismo das alianças entre humanos e não humanos, algo que a filósofa já havia esmiuçado em outros ensaios, como *Manifesto das espécies companheiras* (2021), publicado em 2010, em que avalia a aliança histórica construída pelo ser humano com os caninos, de modo que as duas espécies se beneficiassem mutuamente enquanto evoluíam biologicamente.

Ao propor uma aliança de identidades não homogêneas, Haraway aponta para a aliança interespecies como forma de superação do Capitaloceno. A estética de Jess Arndt converge com as propostas de Haraway, uma vez que os animais surgem como um elemento-chave para colocar em xeque a posição de suposta hierarquia e superioridade da espécie humana em relação a outras espécies não humanas. Ao colocar personagens não binários para serem confrontados pela presença incômoda e inusitada de parasitas intestinais e morsas noturnas em situações cotidianas, fazendo aos protagonistas perguntas capciosas, Arndt desestabiliza a racionalidade criada em torno da economia ocidental baseada em uma ideologia que pressupõe o ser humano como o ideal e o normal de uma teleologia evolutiva.

Além disso, outra convergência entre a narrativa de Arndt com as propostas de um Chthuluceno consiste na mescla entre diferentes temporalidades, uma vez que nos contos a sobreposição entre histórias passadas (ou talvez até mesmo futuras) não possuem uma ligação evidente com acontecimentos presentes que dão o pontapé inicial da narrativa. Ao mencionar o Chthuluceno, Haraway afirma que:

O Antropoceno marca descontinuidades graves; o que vem depois não será como o que veio antes. Penso que o nosso trabalho é fazer com que o Antropoceno seja tão curto e tênue quanto possível, e cultivar, uns com os outros, em todos os sentidos imagináveis, épocas por vir que possam reconstituir os refúgios. Neste momento, a terra está cheia de refugiados, humanos e não humanos, e sem refúgios. Então, penso que mais do que um grande nome, na verdade, é preciso pensar num novo e potente nome. Assim, Antropoceno, Plantationoceno

¹⁰ As diferenças epistemológicas entre os dois termos consistem em separar a responsabilidade do ser humano do sistema capitalista no que diz respeito às mudanças climáticas, uma vez que o termo “Antropoceno” englobaria inclusive tribos indígenas que não guardam nenhuma responsabilidade ou contribuição para o momento atual que vivemos, sendo mais razoável atribuir essa culpa à lógica de produção que rege o sistema capitalista.

¹¹ Cthulhu é uma entidade cósmica, ou uma entidade mística, criada por H.P. Lovecraft, que aparece pela primeira vez no conto “*The call of Cthulhu*”, publicado pela primeira vez na revista estadunidense *Weird Tales*. A criatura tem grande impacto na cultura pop dos Estados Unidos até os dias atuais e compõe o projeto estético que seu autor chamava de “Horror cósmico”. O conto foi traduzido para a edição brasileira como “O chamado de Cthulhu” e pode ser encontrado em antologias e coletâneas de contos do autor trazidas para o Brasil.

e Capitaloceno (termo de Andreas Malm e Jason Moore antes de ser meu). E também insisto em que precisamos de um nome para as dinâmicas de forças e poderes sim -chtonicas em curso, das quais as pessoas são uma parte, dentro das quais esse processo está em jogo. Talvez, mas só talvez, e apenas com intenso compromisso e trabalho colaborativo com outros terranos, será possível fazer florescer arranjos multiespécies ricos, que incluam as pessoas. Estou chamando tudo isso de Chthuluceno – passado, presente e o que está por vir. (HARAWAY, 2016a, p. 140)

Assim, as preocupações de Haraway são manifestadas com o desejo de criação de novos laços de parentalidades entre humanos e não humanos, além do aprendizado a partir das formas de reprodução de bactérias e parasitas. Para a filósofa, o pensamento por alianças (ao contrário de oposições) é a chave para a aceitação das diferenças e do abandono dos discursos hegemônicos excludentes que nos fizeram chegar ao momento de destruição aparentemente irreversível de territórios naturais e da extinção de espécies. Nos contos de Arndt, o alcance da unidade e da teleologia não parece ser jamais almejado, uma vez que, ao terminarmos a leitura de seus contos, não sabemos ao certo se o que acabamos de ler faz algum sentido, se as histórias sobrepostas vividas pelos personagens em diferentes temporalidades possuem alguma conexão entre si e qual é exatamente o propósito da presença de uma morsa na cama de uma das protagonistas durante a madrugada.

A estética de Arndt, unida às contribuições de Haraway em direção à decolonialidade, trazem-nos o pensamento de que, para romper com os ideais da modernidade, caracterizados majoritariamente por um pensamento cartesiano que vai em direção ao hegemônico, talvez seja necessário primeiro confundir os alicerces teleológicos, racistas e hierárquicos que compõem o Antropoceno, passar por uma grande confusão e ausência de possíveis racionalizações, alcançar a escuridão, para que então novos sentidos e alianças possam ser de fato alcançados. Completo essa reflexão com a observação de Juliana Fausto (2020), ao comentar sobre a cosmoliteratura animal:

Não são mais o homem e o animal fixados, mas ambos desterritorializados em um contínuo, em uma zona na qual algo de um passa ao outro, ao fim de que a reterritorialização aconteça, em uma espécie de antrozoogênese, nas palavras de Vinciane Despret, ou uma “prática de terioantropomorfismo”, como disse Haraway. A escrita, então, e o pensamento ele mesmo tornam-se assim híbridos, escapando para fora de essências e em direção aos encontros que constituem a experiência de vida na Terra. No caso da possibilidade da literatura animal, como aquela dos cervos ou dos pinguins, ela promove uma desterritorialização da própria ideia de literatura, que se abre para aquilo que podem os corpos, para o modo como afetam e são afetados no mundo. Trata-se de olhar com

outros olhos – com os olhos dos outros, olhos situados, desligados do “truque de Deus”; não são só os animais que saem desse movimento como produtores de literatura, mas é a própria ideia de literatura humana, do que é escrever, que se transforma. (FAUSTO, 2020, p. 212-213)

A observação de Fausto sublinha a importância da inclusão da vida política dos animais outros que não humanos na vida de animais humanos, indo ao encontro de uma interseccionalidade entre as identidades trans e a literatura-morsa e a literatura-bactéria que é apresentada nos contos de Arndt. A cosmopolítica dos animais, como defende Fausto, influencia, (des)organiza e desestabiliza o modo racional como o Ocidente tradicionalmente concebe a sua organização.

Completando o pensamento de interseccionalidade entre vidas humanas e de animais outros que não humanos, um dos possíveis eixos de manifestação de alianças interespecies para a construção do Chthuluceno se dá pela construção da identidade vegetariana, como brevemente explorada nos textos de Han Kang e Tokarczuk, bem como na literatura de Ana Paula Maia. Unidos à estética *queer* de Arndt, que alia o estranhamento de ter um corpo com a alteridade animal, vemos que obras como essas pedem por uma teoria que seja capaz de analisar, compreender e falar criticamente sobre a identidade chthulucênica em emergência.

A aliança entre sujeitos não binários, morsas e parasitas podem ser lidos como uma pista do Chthuluceno, como a união das vozes que por anos estiveram enterradas, submersas e afogadas pelo patriarcado. Muito provavelmente não será possível construir o Chthuluceno de forma isolada ou com uma minoria homogênea entre si, mas a partir de alianças com diferentes minorizados, humanos e não humanos, reconhecendo os últimos como sujeitos políticos dotados de voz e direitos, igualmente aliados políticos das subjetividades sufocadas pela modernidade. Que a literatura possa nos transformar em morsas.

RESENDE, M. B. M. Among Walruses, parasites and non-binary humans: trails for the Chthulucene in Jess Arndt’s “Large Animals” and “Together”. *Itinerários*, Araraquara, n. 52, p. 259-273, jan./jun. 2021.

■ **ABSTRACT:** *Trans literature, in the context of American literature, is traditionally linked to the autobiographical genre. However, there is currently an uprising of trans-author voices that are also manifesting themselves in the narrative genre, more specifically, in the short story. The short stories “Large Animals”, and “Together”, by Jess Arndt, present similar elements about the discomfort of what it means to be socially read as a trans subject and a trans body departing from animal otherness, which manifests itself in the inconvenient presence of an intestinal parasite in the protagonist couple of “Together” and in a walrus paying night visits to the bed of the protagonist of “Large*

Animals". We will seek to bring together the elements of trans identity and animal otherness that appear in Arndt's narratives with Donna Haraway's proposals (2016a; 2016b) for the interspecies alliance and the union between past, present and future, which she calls the Chthulocene, as a form to overcome Anthro-/Capitalocene and the specters of modernity.

■ **KEYWORDS:** *Trans literature. Chthulucene. Trans identities. Jess Arndt. Decoloniality.*

REFERÊNCIAS

ADAMS, Carol J. **A política sexual da carne:** uma teoria feminista-vegetariana. Trad. Cristina Cupertino. São Paulo: Alaúde Editorial, 2018.

ARNDT, Jess. **Large animals.** New York: Catapult, 2017.

BEEMYN, Genny. A Presence in the Past: a transgender historiography. **Journal of Women's History**, vol. 25, n. 4, p. 113-121, 2013. Disponível em: <http://muse.jhu.edu/journals/jowh/summary/v025/25.4.beemyn.html>. Acesso em: 24 nov. 2020.

CALIFIA, Patrick. **Sex changes:** transgender politics. Jersey: Cleis Press, 2004.

COELHO, Alexandra Lucas. **A nossa alegria chegou.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia 2. vol. 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2012.

DERRIDA, Jacques. **Force de loi:** le fondement mystique de l'autorité. Paris: Galilée, 1994.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou.** Trad. Fabio Landa. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

FAUSTO, Juliana. **A cosmopolítica dos animais.** São Paulo: N-1 edições, 2020.

GIORGI, Gabriel. **Formas comuns:** animalidade, literatura, biopolítica. Trad. Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

HARAWAY, Donna J. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom Cultura Científica**, ano 3, n. 5, p. 139-146, abr. 2016a. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4197142/mod_resource/content/0/HARAWAY_Antropoceno_capitaloceno_plantationoceno_chthuluceno_Fazendo_parentes.pdf. Acesso em: 24 nov. 2020.

HARAWAY, Donna J. **O manifesto das espécies companheiras:** cachorros, pessoas, e alteridade significativa. Trad. Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

HARAWAY, Donna J. **Staying with the trouble**: making kin in the Chthulucene. Durham: Duke University Press, 2016b.

KANG, Han. **A vegetariana**. Trad. Jae Hyung Woo. São Paulo: Todavia, 2018.

LLORED, Patrick. A ética animal de Jacques Derrida: o antiespecismo radical da desconstrução. In: EYBEN, Piero; RODRIGUES, Fabricia Wallace (org.). **Cada vez o impossível**: Derrida. Vinhedo: Editora Horizonte, 2015. p. 99-121.

MACIEL, Maria Esther. **Literatura e animalidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MAIA, Ana Paula. **De gados e homens**. Rio de Janeiro, Record, 2013.

PRECIADO, Beatriz. **Nós dizemos revolução**. Trad. Bárbara Szaniecki. 2014. Disponível em: <https://machinedeleuze.wordpress.com/2014/08/16/beatriz-preciado-ns-dizemos-revoluo/>. Acesso em: 28 dez. 2020.

STRYKER, Susan. **Transgender history**: the roots of today’s revolution. New York: Seal Press, 2017.

TOKARCZUK, Olga. **Sobre os ossos dos mortos**. Trad. Olga Baginksa-Shinzato. São Paulo: Todavia, 2019.

